

## Espaço local

" Embora o dest<sup>o</sup> se não possa reduzir ao espaço local, é aí q se torna real.

Pq é aí q o h vive, trabalha, ama, morre.

O dest<sup>o</sup> é vivido pelas pessoas q constituem a comunidade,

No lugar onde se cruzam as suas biografias individuais e a história de q cad parte.



A profissão, a cultura,  
o sexo, a classe social  
são aspectos importantes  
da identidade pessoal.

Nas =/ importante é o  
"lugar". Residência é tão  
importante como comer.

A luta pela vida, e a  
troca material, resolução  
tem lugar no espaço  
local p. a imensa maioria  
das pessoas.

É o espaço local  
a primeira célula da  
administração e da vida  
política.



É no espaço local  $\bar{g}$  o monólogo entre o Estado e o Cidadão se pode transformar em diálogo.

É aí  $\bar{g}$  a auto-suficiência e a cultura  $\bar{f}$  podem florescer.

É aí  $\bar{g}$  as necessidades básicas devem ter a sua 1.<sup>a</sup> resposta.

É aí  $\bar{g}$  o cidadão pode directamente participar na tomada de decisões.



É ainda no espaço local  
q' muitos modos de inter-  
relaç. se podem apreender  
entre pessoas  
e organizaç. ajuda mútua  
prestar de contas dos  
políticos de forma prática  
e não teórica.

Fundação Cuidar o Futuro



Ex: "conselhos verdes" consultivos  
Rua Colômbia / 55-5-8

Até há poucos anos  
(início desta década) o espaço  
local aparecia como o lugar  
de:

- experiências - piloto
- modos alternativos
- micro-realizações
- educação p. o local

tração por excelência  
das ONG.

Fundação Cuidar o Futuro



Por seu turno, o espaço  
nacional era o lugar das  
decisões relativas ao pla-  
neap, à estratégia e às  
realizações em qde escala  
do des.º

Era essencial o domínio  
dos poderes públicos.

Fundação Cuidar o Futuro



# Espaço nacional

O espaço nacional é o espaço em q as pessoas, org.<sup>to</sup> nações, afirmam a sua identidade a sua independência e a sua "auto-suficiência" em relação ao mundo exterior.



At o mesmo tempo,

a) fornece as estruturas  
interuas q sustentam  
e apoiam a vida das pessoas  
no espaço local

b) regula os mecanismos  
sociais, sobretudo os q  
se destinam a resolver  
conflitos ou desigualdades  
(os direitos das comunidades,  
e os regimes + defensorias,  
como objecto de "privilegio")

c) resolve os problemas de  
justaposição e fronteira  
entre os espaços locais





d) trata os problemas e cria e alimenta as estruturas e instituições q dão consistência à ~~sua~~ identidade política do povo

e) cria as condições do exercício do poder por todo o povo no controle sobre a economia e sobre os eleitos p. os cargos públicos



De forma esquemática, o espaço nacional pode classificar-se nas seguintes categorias:

- espaço continental  
    média dimensão (França)
- " fragmentado (Polónia, Ind. 13.000 ilhas)
- " reduzida dimensão (P.)
- " micro



Fundação Cuidar o Futuro

Dada a diversidade de dimensões  
 $q_i^{to}$  à área e  $q_i^{to}$  à população dos  
≠ países,  
o des.<sup>to</sup> não tem características  
uniformes.

O espaço nacional põe ao  
des.<sup>to</sup> um problema de escala.

Objectivos e estratégias do  
des.<sup>to</sup> estão ligados ao espaço  
e ao seu enquadramento e ligação  
a espaços + variáveis ou - vastos.

O espaço tem influência nos  
seguintes factores:

- homogeneidade cultural dos países
- costumes e tradições sociais,  
infra-estruturas sociais
- possibilidades de industrialização

e prioridades



As mudanças estruturais  
(emprego, educação)  
levam a colocar hoje a  
questão de outro modo e a  
entender os 2 espaços  
mas só face à decisão  
política mas th. face ao  
tr, ~~objeto~~ <sup>sujeito</sup> e fim do dest.



Fundação Cuidar do Futuro

## Espaço global

Fenómeno inteiral novo:  
a inter-dependência total  
de todos os espaços à escala  
do planeta.

O des.<sup>to</sup> neste espaço é  
requerido pelo N e pelo S.  
Não é umica/ um problema  
de ajuda do N ao S. É  
obtd um problema de  
finalidades neste fim  
de século  
e de estruturas interu-  
cionais capazes de criar  
condições p. o des.<sup>to</sup>



Porquê a abordagem  
do des.<sup>to</sup> a partir do espaço  
local/nacional/global?

Ao longo das três últimas  
décadas tem havido um  
fenómeno permanente de  
recorrência entre os 3 níveis,  
correspondendo à forma  
como o des.<sup>to</sup> é entendido  
e ao peso dos  $\neq$  factores  
q<sup>e</sup> o compõem.



1.1. a entrada de factores  
diversos na definição  
de "deseuolvemento"



Nos anos 50 e <sup>início de</sup> 60, o conceito predominante de des.<sup>to</sup> era ainda uma herança do período da industrialização e da mentalidade dos povos recém-caídos do domínio colonial.

As grandes metrópoles - q̄ coincidiavam e os países industrializados - eram ainda o modelo q̄ no N e no S guiavam as opções.

O des.<sup>to</sup>, na seqüência <sup>2</sup>  
da industrialização, tinha  
então uma tradução expli-  
cita/ econômica e quanti-  
tativa:

— era preciso aumentar  
a quantidade ~~global~~ total  
de riqueza criada (PNB)

— era preciso aumentar  
o rendimento <sup>de cada pessoa</sup>  
(rendi/ per capita)





Para tal algumas mu<sup>3</sup>  
danças se impõem:

— as economias ~~rurais~~  
agrícolas num contexto  
Sociológico rural  
tinham de caminhar  
para economias industriais  
em contexto Sociológico  
urbano

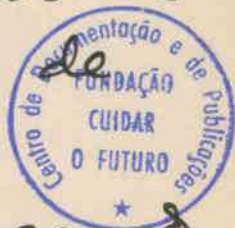


(esta ideia, de resto, apa-  
rece ainda hoje exposta  
real no comportamento  
das massas do Hem. S.;  
veremos + tudo o fenó-  
meno da urbanização  
galopante do Ter. Mundo)

Sub-jacente a esta <sup>4</sup>ideia <sup>socio-política</sup>  
estava a convicção de q  
todas as sociedades ti-  
nham de seguir o cami-  
nho dos países industria-  
lizados.

— Simultaneamente o emprego  
remunerado, característico  
da sociedade industrial,  
aparecia como um estí-  
mulo ao êxodo rural  
q se tornava assim a  
fuga à economia  
subsistência.

O auto-emprego de  
empresa agrícola ou  
artesanal familiar não



5  
tinha, aos olhos da maioria  
da população, a dignidade  
e a liberdade q̄ o salário  
~~de~~ conferia ao operário.

— As trocas q̄ se faziam  
local nas feiras onde  
cada um levava os  
seus produtos,  
passavam a fazer-se  
~~em~~ através dos mercados  
nacionais já q̄ os  
trabalhadores manuais  
ou intelectuais de sociedade  
industrializada não têm  
q̄ relação com os produtos  
q̄ ajudam a manufacturar.





Três convicções domi-  
naram este período:

1. - havia um único  
modelo para conseguir  
os objectivos económicos;  
esse modelo era o dos  
países industrializados.

(Trata-se de uma das  
sifracções q̄ para ao  
lado das ideologias.

A mm convicção domi-  
nava países socialistas  
e capitalistas. Daí q̄  
o N tenha aparecido  
como a desifracção global  
das potências económicas.)

Tpc: n.º spots publicitários  
(na TV) de origem estrangeira  
- o esp. port. de 3 seg.?

2.<sup>a</sup>) Como os países indus-  
trializados constituíam  
~~um~~ um modelo e eram  
chamados países de-  
seenvolvidos, era natural  
inferir q̄ eles tinham  
atingido um estágio tal  
q̄ o "des.<sup>to</sup>", eng.<sup>to</sup> passarem  
de sub-desenvolvido  
a desenvolvido, mas  
mes dizia respeito  
Aí nasce o fenômeno  
q̄, ~~em meu entender,~~  
gravíssimo p: o mundo  
inteiro da produção  
de conceitos, métodos,



finalidades e estratégias<sup>9</sup>  
do des.<sup>to</sup> no hem. A pi  
utilizac no hem. S.

© hem. N não se consi-  
dera então sujeito do  
processo de ~~esse~~ des.<sup>to</sup>.



É significativo notar  
q os "adultos" dessas dé-  
cadas foram protagonistas  
de II Guerra Mundial  
e q se encontram na  
procura da "reconstrução"  
da sua economia. É,  
de certo modo, natural  
q o grau crescente de  
industrializac seja

vivido por essas questões  
como uma preocupação  
de atingir níveis cada  
vez mais altos da  
riqueza nacional e do  
rendimento pessoal.)



Fundação Cuidar o Futuro

2.º) - pensava-se q os <sup>10</sup>  
países industrializados  
continuariam numa  
arvensão económica con-  
tínua porque não havia  
qg interrogação de fundo  
cobre a possibilidade  
de os recursos naturais  
se esgotarem.



Apesar da auto-de-  
terminação ir trazendo  
à cena mundial novos  
países, permaneciam  
as relações ditas privi-  
legiadas entre a antiga  
metrópole (ou outros países



do hem N) e os países " de independência recente. As matérias primas eram canalizadas para o hem N como sempre o tinham sido.



Fundação Cuidar o Futuro

O desenvolvimento  
~~fin~~ dos anos 60  
traz novos fenômenos:  
- "Maio 68": a contestação  
do cresci/ em si  $m$ ,  
feita por dentro do sis-  
tema, no hem N  
- a crescente impaciência  
dos países do hem S  
face à sua > depen-  
dência e à descoberta  
de  $\bar{g}$  ~~na~~ detêm, afinal, o  
controle das matérias  
primas (é a semente  
e crise do petróleo)



— aos motivos de libertação  
pela independência,  
vêm juntar-se os motivos  
de libertação no pp terreno  
do mundo industrializado.

→ O reconhecimento de q a  
independência exige tb.  
a ind. económica e cultural  
leva alguns a propor q o  
des. seja substituído  
pelo pp conceito de libertação.

é em países do hemisfério S  
há m.º independentes:  
é a reflexão da teologia  
da libertação na América  
Latina.



(Desenvolver fontes progr. Mil. Ar. Soc.)

É — e aí está o  
aspecto + interessante —  
o des.<sup>to</sup> ~~social~~ orientado  
p.<sup>o</sup> as necessidades básicas.  
(Longo debate à volta desta  
ideia, final/ reusada  
pelo mov/ dos não-ali-  
nhados.)

Fundação Cuidar o



Na 2.<sup>a</sup> metade da década  
de 70 - e concomitantemente  
c/ a vertente social do des.<sup>to</sup>  
- impõe-se a questão  
da cultura como problema  
prévio ao des.<sup>to</sup>.



Está-se sentindo na  
confluência de vários fenô-  
menos político-culturais:

- é nessa década q surgem o Miu. da Cultura  
em m.<sup>tos</sup> países (~ 38)  
o q significa a ~~imp~~  
química compreensão de  
cultura como factor de  
coesão do corpo social;

- o hem. S denuncia a  
dominação cultural q̄  
se realiza sobretudo atra  
vés da transferência de  
tecnologias ; q̄<sup>to</sup> + forte é  
o significado dado à  
tecnologia no processo  
de des<sup>to</sup>,

tanto + ressalta a neces  
sidade de conheci/dos  
coordenadas culturais  
de cada sociedade



- na frequência do mori/  
q dera ao ~~to~~ pessoa hu-  
mana, em todas as suas  
dimensões, um lugar  
central no des.<sup>to</sup>, ~~to~~.  
a cultura ~~sup.~~<sup>to</sup> vector  
dominante do des.<sup>to</sup>  
gera uma nova perspec-  
tiva ~~da~~ ~~to~~ é sujeito  
de sua história, criador  
de cultura e é desse  
processo q pode nascer  
1 des.<sup>to</sup> autentico





As th. "a cultura como  
matriz do des.<sup>to</sup>" tem sido  
longa discutida.

O des.<sup>to</sup> nas em condições  
de sucesso nas sociedades,  
em q̄ há incapacidade  
de decodificar os sinais  
recebidos. 1 filiação de  
analfabetos no mundo  
é a grande barreira q̄ é  
preciso vencer. As ações  
capazes de vencer o anal-  
fabetismo em ~~p~~ tempo  
mínimo são prioritárias  
no esforço de desenvolvi-  
mento. (Japão, pg. 93)  
Japão > literacy UK fi. séc. XIX



2. No hem. N o processo económico mostrava-se incapaz, só por si, de garantir a segurança dos cidadãos.

Começa então um processo de correção gradual das desigualdades provocadas pela processo de industrialização.

- trab. manual vs. intelectual
- trabalhadores / detentores do capital
- ~~inca~~ situações de incapacidade física face ao trabalho
- transportes



É a segunda vertente do des.<sup>to</sup> : o des.<sup>to</sup> social.

Tentam-se alcançar vários objectivos:

— uma equidade cada vez maior na distribuição dos rendimentos

— condições de consumo idênticas para todos (na quantidade e na diversificação)

— sistema de "prestações sociais" ou subsídios destinados a compensar encargos maiores

— rede de equipamentos



capazes de garantir a  
chamada "igualdade de  
oportunidades".

É a lenta evolução  
do Estado-Providência  
q̄ tem as suas + altas  
expressões nos países  
anglo-saxónicos e escan-  
dinavos (m<sup>quase</sup> existente  
nos países latinos e  
nem nos EUA).



A inter-dependência  
social sub-jacente à  
evolução do Estado-Priv.  
no hem. N conduz à  
atitude de ajuda dos  
países do hem N em  
aos países recém-nas-  
cidos do hem S.

(E ainda que são a  
Suécia e a Holanda q  
maior ajuda dão,  
cumprindo a resolução  
da ONU: 1% do PNB  
é "ajuda ao des.º")



"O des.<sup>to</sup> é o desejo e a habi-

lidade de usar o q̄ está disponível  
para mellhorar continuamente  
a qualidade de vida;

a habilidade p.<sup>ra</sup> usar  
e desenvolver o conheç.;

a habilidade p.<sup>ra</sup> a adeptaz  
em circunç. interuas e  
exteruas.

- Ackoff



"Development Desenvolvimento  
como um processo endógeno,  
auto-suficiente, tendo de  
respeitar o ambiente p.º ser  
1 des<sup>to</sup> continuado, conduzindo  
à satisfação das necessidades  
básicas (materiais e não-ma-  
teriais <sup>tais</sup> como educação  
e participação); e sobretudo como  
um processo de transformação  
de autoridade, conduzindo a  
evolução de 1 estado de domi-  
nância a 1 estado de liberdade"

- Andrés Bivó (17ex)

DD 81, 103



49  
"O des. <sup>to é uma</sup> ~~como~~ um  
processo de transformação q  
se aplica a uma dada soci-  
dade humana e dizendo  
respeito tanto às relações entre os  
homens como à produção pela  
qual eles respondem às suas  
necessidades de <sup>qualquer</sup> natureza,  
e procurando o ajuste óptimo  
p.º o seu projeto das produções  
e das relações sociais q as  
enquadram."

Coliu  
(Dir.º do Centro Int'l  
p.º Des.º Social e a  
Saúde Comunitária  
- Bordéus)



"O des.<sup>to</sup> é um conceito multi-di-  
imensional, q̄ inclue elementos eco-  
nómicos, políticos e sociais, assim  
como o uso dos recursos naturais  
e o impacto no meio ambiente.

Assim, as questões do des.<sup>to</sup> só podem  
ser tratadas c/ eficácia no contexto  
desta multi-dimensionalidade básica,  
na qual as inter-relações complexas  
e dinâmicas de cada um destes  
elementos, podem ser entendidas  
e tomadas em conta nos processos  
de planificação e tomada de decisão.

— Maurice Strong / 85  
50/22





Em  $\bar{q}$  mundo estamos?

E na ~~problemática~~ mundial  
a  $\bar{q}$  e  $q$  tenho dado  $g$ . de parte  
da minha energia?

1. Os problemas nacionais,  
as questões da sociedade como  
as da gestão das coisas públicas  
são, cada vez mais, a face  
conhecida <sup>e próxima</sup> de problemas e questões  
planetários.

É a ~~essa~~ problemática  $\bar{q}$   
tenho dado  $g$  de parte da  
m/energia e  $\bar{q}$  pretendo  
evocar aqui.



A nota mais característica dos problemas mundiais é a ~~seja~~ evidência das <sup>suas</sup> múltiplas interdependências, das <sup>suas</sup> ligações + complexas q̄ as de simples relação de causa a efeito.  $\frac{3}{2}$   
Nad é possível, por isso, encarar um só desses problemas s/ simultanea/ levantar outras questões.

É a essa múltipla inter-  
-ligação, as ramificações q̄  
nossos planos têm cada um  
dos problemas, que se deve  
a c.ª referência a complexidade  
como pano de fundo, estrutura  
de análise, e perspectiva de  
colução.



① Os direitos básicos dos indivíduos não são respeitados a uma escala maciça.

Em cada semana, a fome ~~se~~ gera uma tragédia de dimensão da de Hiroshima.

A liberdade face à fome não faz parte do universo antiquado e ~~se~~ indiferente dos dirigentes políticos.

E porque a fome não gera nem ~~pode~~ gerar dinamismo, as ~~forças~~ obscuras os homens deixam-se conduzir numa apatia e num conformismo que cada vez ~~se~~ ~~intensa~~ ~~alastram~~ mais.



Se alguns problemas de saúde conseguiram já uma valiosa resolução ao nível planetário, a esperança de vida é ainda p.º muitos de níveis medievais. Pois se é possível ~~ter~~ <sup>prever</sup> em 1987 q̄ em P. q̄ há 120 casos de lepra!!

A educação intensa dos agentes primários de cuidados básicos de saúde é totalmente posta de lado face às preocupações genéricas com altas tecnologias e pelos privilégios da classe médica.



A saúde como a educação têm q̄ ver com o "habitat". Há milhões de seres humanos sem teto e no nosso país, neste ano q̄ a ONU (olene) declarou como dos q̄ n̄ têm abrigo, basta-nos abrir os olhos e ver.

Nestas condições, as populações pobres ou já na miséria tornam-se as 1.ªs vítimas da manipulação de todos os integristas, religiosos ou políticos.

A ignorância em q̄de escala é a situação ideal p̄ se ignorarem todos os projectos de poder sem horizonte e sem generosidade.



Hoje, mais ainda do q̄ em 84 e 85, é uma evidência o facto de os direitos básicos terem de ser protegidos, consagrados e respeitados.

É evidente q̄ há uma diferença entre os direitos civis e políticos, por um lado, e os direitos sociais, económicos e culturais, por outro.

P.<sup>o</sup> os 1.<sup>o</sup> basta legislar sob o modo negativo, i.e., de proibição, p.ex.:

"ninguém pode ser submetido à tortura."

P.<sup>a</sup> os 2.<sup>o</sup> é necessário legislar sob o modo positivo, i.e., de criação de, da outorga, da técnica adequada, p.ex.:

"todo o cidadão tem o direito à liberdade de comer o necessário"  
p. = sobrevivência.



② É a paralização do espírito, é a ausência de ideais, é a transposição da ~~luta pela vida~~ <sup>competição desportiva</sup> p.º o nível da decisão política e bloqueia qq tentativa de resolver de novo problema que atinge o homem.  
N: o desemprego.

Hoje não há dúvidas de que o desemprego é uma componente estrutural da sociedade tal como a conhecemos. Afirmam-no chefes de Governo, economistas, industriais.

Onde está entã a reflexão e a experimentação neste domínio?



Deus vertentes cad ilidifpen  
ra'vets:

- uma q̄ leve a transfor  
binómio trabalho/emprego e f.  
outro binómio actividade social/oc  
pacfo; q̄ significa isto?

Que o trabalho hoje já cad é  
o aumento maciço de industrializ  
xax,

que a > concentração de actividade  
esté hoje nos serviços e cad na  
produção de bens,

que nesta fase de transição nem  
todo o trabalho é <sup>económico</sup> ~~social~~ necessário,

Mas q̄ ao m̄m tempo, é cad vez  
+ urgente pensar quais as activi  
dades q̄ o todo social e económico  
do país precisa; novas actividades  
vão surgindo q̄ mostram a  
validade de fôr em equex o  
problema.





A focalizar da sociedade  
na satisfação dos direitos humanos  
de todos os cidadãos ou pode  
deixar de criar novas actividades,  
quer produtivas quer geradoras  
de novos focos de convivência e  
solidariedade social.

~~A~~ É aqui que se insere a outra  
vertente relativa à "ocupação" como  
expressão individual da actividade  
social.

Fundação Cuidar o Futuro



A situação social dos países não-desenvolvidos revela, em toda a sua <sup>força</sup> ~~grandeza~~, a importância do factor social.



A industrialização e a mecanização da agricultura ~~deslocam~~ provocam uma situação inesperada: grande parte das populações perdem a capacidade de prover à sua própria subsistência e não têm condições para se integrarem no novo estado de coisas.

Uma elevada taxa de  
crescimento da população, as  
altas taxas de analfabe-  
tismo, a precariedade dos  
recursos médicos, a  
marginalização de alguns  
grupos sociais (caso  
das mulheres e os agra-  
cultores em África) — são  
vários factores cujos efeitos  
cumulativos levam à  
convicção de que a indústria  
luzada não é um processo  
que automaticamente conduz  
ao bem-estar de todos.

